

# Freud e Brentano: Mais que um Flerte Filosófico

Thiago Marcellus de S. Cataldo-Maria  
Monah Winograd

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## RESUMO

Não seria exagerado afirmar que a importância da relação entre Freud e Brentano tem sido negligenciada. Embora o tema não tenha sido ignorado, dentre os nomes que compõem a fileira dos que influenciaram Freud, o de Brentano certamente é um dos mais apagados. Este ensaio pretende sublinhar algumas marcas do filósofo nas formulações do metapsicólogo. Para tanto, começamos destacando as evidências históricas da estreiteza da relação Freud-Brentano. Em seguida, investigamos o conceito de intencionalidade tendo em vista a proximidade das concepções de Freud e Brentano a respeito da representação em dois pontos principais: o primeiro é a impossibilidade de um ato de representação ocorrer na ausência de objeto representado e o segundo é o fato de o objeto representado não necessariamente existir enquanto coisa real. Após estes desenvolvimentos, finalizamos, apontando para outras marcas das concepções brentanianas na teoria freudiana e, portanto, para a riqueza desta linha de pesquisa.

**Palavras-chave:** Freud; Brentano; intencionalidade; representação-objeto; representação.

## ABSTRACT

*Freud and Brentano: More than a Philosophical Flirt*

It would not be exaggerated to say that the importance of the relationship between Freud and Brentano has been neglected. Although the issue has not been ignored, among the names that influenced Freud, Brentano's is certainly one of the most deleted. This essay aims to highlight some imprints of the philosopher in the formulation of metapsychology. We begin by highlighting the historical evidence of the closeness of the relationship Freud-Brentano. Next, we investigated the concept of intentionality in order to emphasize the proximity of Brentano and Freud's conceptions about the representation in two main points: the first is the impossibility that an act of representation occurs in the absence of the represented object and the second is the fact that the represented object does not necessarily exist as a real thing. After these developments, we conclude by pointing to other brentanian imprints on Freudian theory and therefore to the richness of this research.

**Keywords:** Freud; Brentano; intentionality; object-representation; representation.

## RESUMEN

*Freud y Brentano: Más que un Coqueteo Filosófico*

No sería una exageración decir que la importancia de la relación entre Freud y Brentano se ha descuidado. Aunque el tema no ha sido ignorado, entre los nombres que influyeron en Freud, lo de Brentano es, sin duda, uno de los más descuidados. Este ensayo tiene por objetivo poner de relieve algunas de las marcas del filósofo en la formulación de la metapsicología. Comenzamos destacando la evidencia histórica de la cercanía de la relación Brentano-Freud. A continuación, se investigó el concepto de intencionalidad en vista de destacar la proximidad de Brentano y Freud acerca de sus concepciones de la representación en dos puntos principales: la primera es la imposibilidad de que un acto de representación se produzca en ausencia del objeto representado y el segundo es el hecho de que el objeto representado no es necesariamente existente como algo real. Como conclusión, apuntamos a otras marcas brentanianas en diversas concepciones de la teoría freudiana y, por lo tanto, a la riqueza de esta investigación.

**Palabras clave:** Freud; Brentano; intencionalidad; representación-objeto; representación.

## FREUD E BRENTANO: MAIS QUE UM FLERTE FILOSÓFICO

Negligência seria uma palavra exagerada para adjetivar o tratamento conferido à relação entre Freud e Brentano. Com efeito, o tema não foi propriamente ignorado, embora, dentre os nomes que compõem a fileira dos que influenciaram o percurso freudiano, o de Brentano certamente seja um dos mais apagados: a consulta a qualquer artigo relativamente recente que trate exaustivamente do assunto (como por exemplo Beuchot, 1998 ou Cohen, 2002) revela, em suas referências, parte significativa da totalidade da bibliografia existente. Um dos passos mais significativos dados nesta investigação foi dado nos anos 1940 por Philip Merlan no artigo *Brentano and Freud* (1945), frequentemente citado em documentos posteriores (Barclay, 1964; Beuchot, 1998; Cohen, 2005). Contudo, somente após a publicação do intercâmbio entre Freud e Silberstein (Freud, 1871-1881) foi possível afirmar – com significativo grau de certeza e facilidade – toda a dimensão da influência de Brentano na obra freudiana. Uma das primeiras tentativas de aproximação efetiva entre as ideias do metapsicólogo e as do filósofo resultou em fracasso. Maria Dorer (1932) – em seu *Historischen Grundlagen der Psychoanalyse*, anterior em décadas à primeira publicação da correspondência com Silberstein – concluiu ser impossível comprovar quaisquer relações diretas entre Freud e Brentano que não fossem puramente de caráter pessoal. 13 anos depois, Merlan (1945) alegou não ser nada fácil compreender precisamente o que Dorer tinha em mente ao optar pelas palavras “puramente de caráter pessoal”. Ora, uma leitura atenta não deixaria passar despercebida a constatação tragicômica de que, na data referente ao escrito de Maria Dorer, Freud mantinha-se lúcido e produtivo, embora já não gozasse mais da saúde dos dias de juventude. Não teria sido o caso de consultá-lo?

Em 1879, Franz Brentano participou de uma festa na qual esteve presente Theodor Gomperz, responsável pela tradução para a língua alemã das obras completas de John Stuart Mill. Gomperz precisava de um tradutor para o próximo volume, a ser publicado no ano seguinte. Ao questionar o filósofo sobre um bom candidato para o desempenho da tarefa, obteve o nome de um estudante de medicina: Sigmund Freud (Merlan, 1945). A sugestão foi aceita por Gomperz e o futuro médico, por sua vez, não deixou a oportunidade passar. A tradução alemã do volume XII – publicado em 1880 – leva a sua assinatura. Freud debruçou-se sobre a “tradução laboriosa” (Molnar, 2002 p. 115)

ao longo do ano de 1879, burlando assim o tédio encontrado no serviço militar (Jones, 1975). Há dois pontos importantíssimos aqui: o primeiro, merecedor de atenção, e o segundo, carente de elucidação.

O primeiro ponto foi desenvolvido por Beuchot (1998) e Barclay (1964) e refere-se ao intervalo de tempo desde o último contato entre Freud e Brentano, na condição de professor e aluno. Em 1879, Freud já não mais integrava o grupo de alunos do mestre havia três anos. Se considerarmos que Brentano certamente não sofria nenhuma escassez de alunos e que não havia nada que o forçasse a optar por um nome, podemos concluir que o contato entre ele e Freud possivelmente não fora propriamente passageiro.

No que diz respeito ao segundo ponto, dentre as principais fontes para a elaboração do artigo de Merlan (1945), encontra-se o nome de um de seus professores: Heinrich Gomperz. Trata-se do filho de Theodor Gomperz, responsável pela publicação das obras completas de John Stuart Mill em língua alemã e, ainda, amigo de Franz Brentano. Em 1932, Heinrich enviou uma carta a Freud com o intuito de obter mais informações sobre a relação que seu pai havia mantido com o já então famoso inventor da psicanálise. Foi justamente através da resposta de Freud que se soube que Brentano indicou seu nome ao pai do remetente. E daqui podemos tirar duas conclusões importantes: a primeira diz respeito à acessibilidade de Freud, que respondeu prontamente à carta do filho do sujeito que o havia contratado 53 anos antes. E a segunda: ele não aparentava ter qualquer objeção quanto a tocar no nome de Brentano. Vale lembrar que 1932 é precisamente o ano da publicação de Maria Dorer, na qual ela afirma não ser possível ir muito longe na aproximação entre Freud e seu antigo professor.

Passados quatro anos, Philip Merlan publicou um novo trabalho com o sugestivo título de *Brentano and Freud – A Sequel* (Merlan, 1949). Nele, o autor nos presentia com o resultado de um levantamento feito a seu pedido pelo professor Victor Kraft, da Universidade de Viena. Trata-se de uma espécie de histórico escolar de Freud, com o intuito específico de descobrir precisamente quando, por quanto tempo e em que disciplinas, o futuro médico havia se posicionado ante o púlpito de Franz Brentano. Como lembra Aviva Cohen (2002), a Universidade de Viena já não mais estipulava a obrigatoriedade de disciplinas do curso de filosofia para estudantes de medicina em 1873, ano de ingresso de Freud no meio acadêmico. Portanto, se pode concluir que, ao se inscrever nos cursos proferidos por Brentano em 1874, Freud o fez apenas por vontade própria. Vontade

esta que se manteria inabalável pelos próximos 2 anos: o que Freud encontrou nas aulas de Brentano certamente em muito lhe apeteceu o espírito! Nos 3º, 4º, 5º e 6º semestres da faculdade de medicina, estendendo-se do período que vai do inverno de 1874-75 ao inverno de 1876-77. Nos 3º, 4º e 5º semestres, Freud inscreveu-se nas “Leituras de textos filosóficos” de Brentano. Ainda no 4º semestre, frequentou suas aulas de “Lógica”. Por fim, no 6º semestre, foi a vez de “A filosofia de Aristóteles”. Além da já comentada não-obrigatoriedade das disciplinas filosóficas, importa notar que, ao longo de toda sua formação médica, Freud jamais se matriculou em qualquer curso não obrigatório, à exceção dos proferidos por Brentano (Merlan, 1949). Por si mesmas, estas informações já seriam suficientes para estimular um interesse maior sobre o assunto do que o comumente encontrado. Contudo, o acesso às cartas enviadas por Freud ao amigo Silberstein (Freud, 1871-1881) eliminam qualquer possibilidade de dúvida que possa ainda perdurar. O material da correspondência na verdade consiste apenas nas cartas enviadas por Freud, que por sua vez foram conservadas por Silberstein. Os escritos deste último ao amigo infelizmente se perderam. A publicação, no entanto, é farta em notas explicativas que quase sempre se saem muito bem no preenchimento de eventuais vácuos que possam dificultar a compreensão do leitor. Vejamos a primeira menção que Freud faz a Brentano em toda a correspondência. Data do dia 30 de outubro de 1874:

“[...] e nas preleções do Brentano é que todos nós voltamos a nos encontrar. O Brentano está fazendo duas preleções, nas quartas e sábados à noite, questões metafísicas selecionadas e, nas sextas à noite, um escrito de Mill sobre o princípio da utilidade, que frequentamos regularmente” (Freud, 1871-1881, p. 86).

Este trecho é valioso por duas razões. Primeiramente, porque constatamos aqui a importância de Brentano no que diz respeito ao contato com a obra de Stuart Mill. Além do episódio referente à festa que culminou na tradução de um dos volumes de suas obras completas feita por Freud, descobrimos agora que, já no 1º semestre como aluno de Brentano, a obra de Stuart Mill era o centro das atenções ao menos uma vez por semana. Notemos que, de modo geral, quando se procura alguma interseção entre este período da vida de Freud e a filosofia, os nomes de Brentano e de Stuart Mill são os mais comumente encontrados (é bem verdade que não são os únicos: Geerdyn e Vivjer

(2002), por exemplo, apontam a influência de Wilhelm Jerusalem na concepção do Projeto de 1895). No entanto, dificilmente se vê um mesmo autor, no mesmo texto, abordar a influência de ambos. Há, naturalmente, exceções. Uma delas é o metapsicólogo brasileiro Luiz Alfredo Garcia-Roza (1990 e 1991). No entanto, ainda que ele reserve partes específicas do primeiro volume de sua Introdução à metapsicologia freudiana (Garcia-Roza, 1991) a cada um dos dois filósofos aqui tratados, não chega a explicitar o vínculo – no que diz respeito a Freud, naturalmente – presente entre eles. Dito de outra forma: se já é raro encontrarmos os nomes de Stuart Mill e Franz Brentano unidos pela mesma obra, uma articulação entre os dois parece simplesmente inexistir. Tal articulação não será encontrada nas presentes linhas, uma vez que ultrapassa – e muito – as pretensões nelas contidas. Mas, mesmo quando o foco do assunto é apenas Stuart Mill, aí também encontraremos, ainda que sob a forma do fruto do ensino – e, portanto, apenas indiretamente – a figura de Brentano.

A segunda razão que torna o trecho citado importante diz respeito à elucidação mais aprofundada referente ao que até agora conhecíamos sob o vago título de “Leituras de textos filosóficos”. Agora sabemos que, além da obra de Stuart Mill, no 3º semestre da faculdade de medicina Freud estudou “questões metafísicas selecionadas” duas vezes por semana. E já que o assunto é metafísica...

“Ficaria com pena se tu, o jurista, negligenciasses inteiramente, por exemplo, a filosofia, enquanto eu, um ímpio estudante de medicina e empírico, ouço duas preleções sobre filosofia e leio Feuerbach [...]. Uma delas trata – escuta e pasma! – da existência de Deus, sendo que o professor Brentano, que as lê, é uma esplêndida pessoa, sábio e filósofo, embora ache necessário sustentar a diáfana existência de Deus com os seus pareceres” (Freud, 1871-1881, p. 89).

O trecho acima encontra-se na carta de 08 de novembro de 1874. Do que devemos apreender destas linhas, surge como conclusão mais patente a admiração por parte de Freud: Brentano é apresentado aqui como filósofo sábio e pessoa esplêndida, embora haja o “problema” referente à sua postura diante do Criador. Como veremos, a referência a este traço de Brentano é recorrente nas cartas de Freud. Lindenfeld (1980) esclarece que Brentano assumiu uma missão de vida nada modesta: salvar a filosofia do franco declínio no qual acreditava que ela se encontrava “devido à excessiva orientação especulativa dos hegelianos”, só

podendo redimir-se “através da precisão e exatidão da ciência” (Lindenfeld, 1980, p. 43). Sua reputação enquanto excelente professor seguia inabalável e o maior reflexo disso era o cenário de suas preleções. De acordo com Lindenfeld (1980), iam de muito cheias a completamente abarrotadas. Ainda assim, a comunhão constante entre filosofia e religião, apesar do nítido brilhantismo de seu promotor, não impediu que o mesmo tivesse de conviver com a desconfiança dos colegas. Estes, por sua vez, conferiram-lhe a alcunha de “jesuíta disfarçado”.

Apesar disso, não havia dúvidas de que “Brentano era um empirista confesso. Ele sustentava que através de cuidadosa observação e induções rigorosamente fundamentadas era possível, partindo da experiência, elevar-se até às verdades absolutas e auto-evidentes que caracterizam a teologia e a metafísica” (Lindenfeld, 1980, p. 44). Esta liberdade de movimentação entre domínios aparentemente antagônicos certamente surtia efeito sobre os alunos e com Freud não foi diferente. O que chamou a sua atenção foi a clareza, o rigor lógico, a seriedade e a competência com que isto era feito. Segundo Gelfand e Kerr (1992), o interesse de Freud por Feuerbach surgiu nos cursos de Brentano, durante os quais deu início ao seu estudo de psicologia: “Freud intrigava-se não apenas com a sua magnética personalidade, mas ainda pelo curioso fato de Brentano ser um veemente partidário do mais radical e científico empirismo inglês ao mesmo tempo em que permanecia um católico devoto” (Gelfand e Kerr, 1992, p. 88). Noutras palavras, através de Brentano, Freud foi apresentado à psicologia muito antes de se formar em medicina. Note-se que onze anos antes de conhecer Charcot – cuja influência deve ser compreendida em termos mais propriamente clínicos que psicológicos –, Freud já estudava psicologia com Franz Brentano. Vale lembrarmos que 1874, marco do encontro, foi precisamente o mesmo ano da primeira publicação de a *Psicologia do Ponto de Vista Empírico*, principal obra de Brentano sobre o assunto.

Ao discutir a profundidade do impacto de Brentano sobre o jovem Sigmund, Cohen (2002) remete o leitor à informação contida em outra carta de Freud para o amigo Silberstein, datada de janeiro de 1875. Nela, Freud – um “materialista fervoroso” (Cohen, 2002, p. 90) – relatou estar feliz como uma criança em função de viagem próxima a Berlim, onde teria a chance de passar o inverno estudando sob a tutela de grandes nomes. O estudante alegou não suportar a ideia de abrir mão deste projeto. Passados apenas dois meses, no entanto, uma nova carta: a viagem foi cancelada. O motivo? Definindo-se agora como um ex-materialista,

optara por permanecer em Viena para não perder a oportunidade de manter contato com Brentano. Sobre isso, Kaltenbeck (2002) escreveu:

“De fato, o encontro entre Freud e Brentano não foi de todo benigno; não podemos deixar de notar a presença do trauma que paira sobre os relatos de Freud acerca das visitas que fez ao seu professor de filosofia. [...] As cartas [enviadas a Silberstein] provêm evidência da ambivalência de Freud à filosofia, e incluem as suas tentativas de dissuadir o seu amigo de dedicar-se ao assunto” (p. 101).

Trauma? Infelizmente o autor não esclareceu este ponto, citando, por exemplo, alguma passagem específica que permitisse chegar a tal tipo de conclusão. De modo que a palavra “trauma” não parece configurar a melhor ilustração de um mero encontro sobre o qual o próprio Kaltenbeck (2002) afirmou ser mais prudente não concluir propriamente influência. Qualquer tentativa de identificar precisamente o trauma apontado viria envolta por um mar de especulações.

Para uma conclusão satisfatória desta primeira parte referente ao impacto da influência do mestre neoescolástico exercida sobre o pai da psicanálise, duas fontes são de interesse especial. Garcia-Roza (1990) assegurou a importância de Brentano afirmando tratar-se do “autor na filosofia capaz de patrocinar a concepção de representação-objeto tal como defendida por Freud” (p. 55), lembrando ainda que a noção geral de representação será de fundamental importância ao longo de todo o percurso freudiano. No que diz respeito especificamente a este ponto, Cohen (2002) esclareceu que:

“Há evidências de sobra para sugerirmos que os ensinamentos filosóficos e psicológicos de Brentano tiveram impacto significativo no desenvolvimento teórico de Freud. [...] Podemos, por exemplo, revisar a ideia comum de que Freud era avesso à filosofia. [...] É evidente que Freud frequentemente critica algo a que ele se refere como ‘filosofia’. No entanto, quando assim o faz, ele não está se referindo à disciplina como um todo, mas segue os passos de Brentano na rejeição da metafísica especulativa de Hegel, Schelling e Fichte. Brentano se considerava um cientista natural, trabalhando objetivamente com a experiência enquanto seu guia. Ele insistiu que o verdadeiro método da filosofia não é outro senão o da ciência natural. Para Carl Strumpf, dentre outros, era uma nova e incomparavelmente mais séria e aprofundada forma de se compreender a filosofia (Cohen, 2002 p. 89).

## BRENTANO E A INTENCIONALIDADE

Todo fenômeno psíquico é caracterizado pelo que os Escolásticos da Idade Média chamavam de inexistência intencional (ou mental) de um objeto, e o que nós podemos chamar, ainda que com expressões não inteiramente inequívocas, a referência a um conteúdo, a direção até um objeto (que não deve ser compreendido aqui enquanto coisa real), ou a objetividade imanente. Todo fenômeno psíquico contém em si algo como seu objeto, ainda que nem todos do mesmo modo. Na representação há algo representado, no juízo há algo admitido ou rechaçado, no amor amado, no ódio odiado, no desejo desejado etc. (Brentano, 1874, p. 68).

Este pequeno trecho do livro *A Psicologia do Ponto de Vista Empírico* aparece em praticamente todas as fontes consultadas sobre a relação Freud-Brentano. Sua relevância aponta, sobretudo, para o enfoque objetivo de Brentano sobre os fenômenos estritamente psicológicos – empreitada erguida sobre os alicerces da antiga doutrina intencional, cujas raízes remontam ao bom e velho Aristóteles. Parece assim apropriado tomar a intencionalidade como ponto de partida para a abordagem da herança recebida do mestre neoescolástico, seguindo o caminho apontado por James Barclay (1964), que afirma: “quando a terminologia filosófica de Brentano e a terminologia mecanicista de Freud são despedidas do conceito, revela-se que os aspectos essenciais da doutrina de intencionalidade são encontrados em ambos os sistemas” (p. 29).

A ideia de intencionalidade remonta em suas origens até os escolásticos da Idade Média, em dívida para com o Estagirita. Ferrater-Mora (2002) afirma haver dois sentidos da noção de intencionalidade: I. o sentido lógico e epistemológico (e em parte psicológico), que muitas vezes estão entremesclados, e II. o sentido ético. O primeiro sentido nos interessa particularmente. Etimologicamente o vocábulo ‘intenção’, *intentio*, expressa a ação e o efeito de tender (*tendere*) a algo (*aliquid tendere*), sendo esta a forma do conceito presente na *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino. Na linguagem dos escolásticos, a *intentio* é tanto a aplicação do espírito a um objeto de conhecimento, quanto o próprio conteúdo do pensamento ao qual o espírito se aplica. Tendo caído em desuso, o termo foi retomado por Brentano (1874) em sua psicologia, da qual se tornou o conceito central: tendo se debruçado sobre os fenômenos “estritamente psicológicos”, Brentano

(1874) os distinguia dos fenômenos físicos em função da intencionalidade, a qual, por sua vez, era apontada por ele como a base constituinte dos primeiros (Lalande, 1993). Segundo Garcia-Roza (1990), Freud, assim como Brentano (1874), recusava uma ordenação serial entre a fisiologia e psicologia, de tal forma que o fenômeno psicológico pudesse ser reduzido a um epifenômeno do fisiológico. Se, para Freud, a cadeia dos processos fisiológicos não estaria em uma relação de causalidade com os processos psíquicos – pois eles seriam paralelos, concomitantes dependentes – também para Brentano (1874), o fenômeno psíquico e o fenômeno físico (ou fisiológico) seriam diferentes e irreduzíveis um ao outro, sendo o critério dessa diferença o fato de o fenômeno psíquico ser caracterizado pela presença intencional, direção a um objeto ou, simplesmente, pela intencionalidade. Vê-se que o termo “intenção” não tem aqui parentesco direto com o significado corriqueiro utilizado no cotidiano (vontade, desejo, pensamento). Ou seja, a intencionalidade de Brentano é intelectual e não propriamente volitiva (Beuchot, 1998). Nisto teria consistido o cerne do resgate operado por Brentano: a intencionalidade representativa, a qual remontaria a Aristóteles e sobretudo aos escolásticos.

Dos escolásticos medievais, de longe o mais mencionado por Brentano em sua *Psicologia* (1874) é São Tomás de Aquino. Segundo Beuchot (1998), a *intentio* tomista origina-se da tradução do termo árabe *mana* e toda a intencionalidade escolástica ergueu-se sobre a filosofia de Aristóteles e em dívida para com os comentaristas árabes. *Mana* pode ser compreendido como aquilo através do que se conhece algo ou, ainda, imagem, conceito, *species intellecta*, a espécie assimilada através da qual se conhece intelectualmente algo. Pensava-se que a mente, de alguma maneira (psíquica ou intencionalmente), transformava-se naquilo que conhecia, ou que o conteria em sua representação: “a mente se torna intencionalmente a mesa que conhece” (Beuchot, 1998, p. 167), exemplifica o filósofo. Compreendia-se o ente enquanto possuidor de dois aspectos principais: essência e existência. O ente fora da mente teria sua essência e uma existência física ou manifestada a partir de sua existência física. Na mente, a essência manter-se-ia a mesma, sendo que sua existência passaria a ser psíquica ou intencional. Vale lembrar, aqui, que a conservação da essência na representação cognitiva resguardava o realismo do conhecimento. Eis que a intencionalidade – nas suas raízes escolásticas – pode ser compreendida como “uma tendência da mente em transformar-se de alguma maneira naquilo que conhece e deseja” (Beuchot, 1998 p. 167).

Já no que diz respeito aos termos “presença intencional” ou “inexistência intencional” – a última denominação é fiel ao termo propriamente escolástico –, McAlister (2004) faz uma feliz escolha de palavras capazes de guiar o leitor não versado nos textos medievais: o prefixo “in” encontrado em “inexistência” é locativo e não negativo. Uma má compreensão da função destas duas letras é capaz de inverter completamente o significado do termo. O prefixo locativo visa caracterizar uma modalidade específica de existência, ao passo que o negativo implica na sua simples nulidade. Não se trata, portanto, da ausência ou negação da existência, mas da existência em algo ou que é dirigida até algo. Neste ponto vale lembrar que a descrição de Mauricio Beuchot (1998) exposta acima ainda não se refere propriamente à “intencionalidade de Brentano”, mas às suas raízes escolásticas.

Como precisamente se articulam as noções de representação e de intencionalidade? Vejamos novamente o que nos diz Brentano (1874): “Todo fenômeno psíquico é caracterizado [...] pela inexistência intencional de um objeto [...] referência a um conteúdo, direção até um objeto ou objetividade imanente”. E logo em seguida: “Na representação há algo representado, no juízo há algo admitido ou rejeitado, no amor amado, no ódio odiado, no desejo desejado etc” (1874, p. 68). Nota-se uma hierarquia necessária, ainda que não explicitamente declarada. De fato, para que algo possa ser admitido, rejeitado, amado, odiado ou desejado, é forçoso que primeiramente tenha sido representado. Dito em outras palavras, o objeto amado, por exemplo, deve ser antes disso objeto representado. De acordo com Brentano (1874), as representações são as unidades básicas do funcionamento mental: cada ato mental contém o mesmo objeto que a representação à qual está conectado – por exemplo, nada pode ser objeto de julgamento se não for, antes, objeto de representação. Além disso, não há mudança alguma no objeto ao qual nós direcionamos as atividades de mentais, tais como amar, odiar, afirmar, negar etc.: a natureza do ato mental pode sofrer alterações, mas o objeto intencional não é alterado (Cohen, 2002).

Em resumo, a intencionalidade é uma propriedade exclusiva aos fenômenos estritamente psíquicos – o que, por sua vez, estabelece um critério capaz de promover a distinção entre este grupo fenomênico e o dos fenômenos físicos. Já sobre a representação, afirma-se ser ela a unidade básica do funcionamento mental, ou seja, a pedra fundamental sobre a qual se ergue o domínio caracterizado pela intencionalidade. Conclui-se, portanto, que a presença ou inexistência

intencional, o direcionamento a um objeto, ou ainda a tendência da mente em se transformar naquilo que ela conhece e deseja, dá-se por meio da representação. Por representação, Brentano (1874) entendia tanto um pensamento como uma ideia ou imagem, ou seja, o ato de representar e não propriamente o objeto representado. De tal modo que a representação seria o ato pelo qual o objeto se faz presente na mente (presença intencional), independentemente da existência real da coisa a qual se refere. Assim, o sentido de uma representação adviria, não da coisa, mas da relação entre as representações – fato este admitido por Brentano (1874) em um apêndice de 1911 dedicado à questão dos objetos verdadeiros e dos objetos fictícios. Trocando em miúdos, Brentano acreditava que as representações não seriam reproduções mentais dos objetos externos e nem seu sentido derivariam destes objetos. Parece claro como a noção brentaniana de representação contribuiu, se não para a edificação do corpo teórico freudiano, pelo menos para o seu conceito de representação.

### Freud, Brentano e a representação

A atualmente célebre publicação freudiana de 1891 permaneceu esquecida por quase cem anos, não sendo encontrada, por exemplo, nas obras completas que incluem textos anteriores ao referido. No entanto, tal esquecimento já é coisa do passado, como atesta o fácil acesso à tradução para a língua portuguesa (Freud, 1891) – vale lembrar que uma boa parte dos escritos propriamente neurológicos de Freud permanece ainda sem tradução sequer para o inglês. Embora os indícios da presença de Brentano na obra de Freud não se restrinjam ao texto sobre as afasias, seu conceito de *Objektvörstellung* enquanto via de crítica ao localizacionismo é bastante expressivo das marcas profundas deixadas pelo mestre.

A antiga teoria da localização afirmava uma relação ponto a ponto entre estímulos provenientes do mundo externo e representações localizadas em determinados pontos do córtex cerebral, de tal forma que as representações corresponderiam a uma projeção dos elementos da periferia. A ideia em causa era que uma representação fosse o efeito mecânico da estimulação periférica, ou mais amplamente, a ideia de que o processo psicológico seja um epifenômeno ou uma duplicação mecânica do processo fisiológico (Garcia-Roza, 1990). Sua ideia de que os processos fisiológicos e os psicológicos seriam concomitantes dependentes excluía qualquer possibilidade de se supor um mero efeito mecânico em um reducionismo simplista. Mais especificamente, Freud propôs que: 1) consideremos a relação em termos de processos,

ao invés de elementos e 2) ao invés de relação mecânica, haveria um paralelismo entre as duas séries de processo, a primeira referente à aquisição dos elementos sensoriais e a segunda à aquisição dos elementos psíquicos ou representações. O ponto fundamental da crítica de Freud era que supor uma correlação entre as séries não implicaria necessariamente em causalidade. Vale lembrar, neste ponto, que, ao desferir como objetivo “separar o mais possível o aspecto psicológico do anatômico” (Freud, 1891, p. 42), Freud não recusava totalmente o anatômico, tampouco se afastava do aspecto neurológico. Justamente o contrário: para ele que não há um esquema psicológico sem um esquema neurológico, sendo sua crítica voltada apenas à duplicação mecânica acima citada. Vejamos como isto fica bastante claro após a primeira menção explicativa de Freud à sua concepção de representação-objeto. Trata-se do momento no texto em que o jovem médico recorre ao auxílio da filosofia:

A representação objectual é por sua vez um complexo associativo das mais diversas representações visuais, acústicas, tácteis, cinestésicas etc. Da filosofia aprendemos que a representação objectual não compreende senão isto, e que a aparência de uma ‘coisa’ – de cujas diferentes ‘propriedades’ falam aquelas mesmas impressões sensoriais – surge apenas na medida em que no leque das impressões sensoriais obtidas por um objeto incluímos também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa. [...] a representação objectual aparece-nos como uma representação não fechada e dificilmente susceptível de fecho” (Freud, 1891, p. 47).

Primeiramente, é forçoso notar que Freud não recusava em momento algum a existência das impressões. Sua crítica era voltada mais propriamente para o conceito de impressão tal como era pensado pelos empiristas ingleses e que, por sua vez, servia de base para a ideia da duplicação mecânica – alvo por excelência de sua crítica. A compreensão então vigente implicava na redução das ideias (elemento psicológico) a não mais que uma reprodução das impressões. Tratava-se do berço para a articulação radical entre o psicológico e o fisiológico que, por fim, resultava na ordenação serial igualmente recusada por Brentano (1874).

Em segundo lugar, mais do que tomá-lo emprestado dos filósofos dos séculos XVIII e XIX, sob a influência de Brentano, Freud elaborou uma teoria da representação ou, mais radicalmente, uma subversão do

conceito ao ponto de torná-lo irreduzível às concepções precedentes. Recusando a ideia de que a representação fosse um efeito mecânico da estimulação externa, considerava-a, não como uma reprodução mental do objeto externo, mas como uma construção cujo sentido derivaria da relação que as várias representações mantêm entre si. Cada representação, por sua vez, seria formada por traços mnêmicos que se associam entre si e através dos quais uma representação ligar-se-ia a outras, formando a rede de representações que comporiam o psiquismo. É mesmo esta noção de representação que sustenta o método da associação-livre.

As representações seriam formadas pela associação entre as assim chamadas associações de objeto e as representações-palavra. As primeiras – associações de objeto – se constituiriam como um conjunto associativo aberto formado por imagens que darão lugar à representação-objeto. Por si mesmas, estas associações de objeto não constituiriam a representação-objeto, nem seriam consideradas como representações icônicas de objetos externos: elas seriam a matéria-prima da representação-objeto. Tais associações de objeto agrupar-se-iam para formar uma representação-objeto apenas a partir de sua ligação com a representação-palavra, pois somente a partir desta ligação o objeto ganharia unidade e identidade e, por sua vez, a representação-palavra adquiriria significação. Dito de outro modo, o termo representação-objeto não designaria o referente ou a coisa, mas, na sua relação com a representação-palavra, designaria o significado. Já a representação-palavra seria uma representação complexa, formada por representações simples diversas – imagem acústica da palavra, imagem motora, imagem da leitura e imagem da escrita. Estes elementos formariam um complexo representativo fechado e teriam como condição de possibilidade a relação entre um aparelho de linguagem e outro aparelho de linguagem.

O essencial é perceber que a representação, em Freud, não é vista como uma representação da coisa externa, embora esta forneça os elementos sensoriais que vão se constituir como matéria-prima da representação-objeto. Se o objeto retira seus elementos sensíveis da coisa, ele só se constitui como objeto a partir da ligação entre esses elementos e a palavra. Importa destacar os seguintes aspectos: 1) as representações (objeto e palavra) se sobreassocia umas às outras e, neste processo, o complexo associativo não apenas se expande, como se reorganiza e adquire novas características; 2) as propriedades das representações complexas não consistem na mera soma das propriedades das representações simples

que a compõem, pois novas propriedades emergem das associações entre representações, produzindo um efeito de sentido; 3) metaforicamente, a associação é um processo análogo à síntese química, na qual não se pode inferir as características da representação complexa a partir da análise das características dos seus elementos constituintes tomados isoladamente; 4) a representação é uma construção mental, na qual a informação sensorial é reorganizada sucessivamente ao longo de sua captura do mundo externo e de seu tratamento nas vias do sistema nervoso e do aparelho psíquico (ou seja, não é apenas o que é apreendido passivamente do mundo externo) e 5) o que se torna consciente é o correlato de um processo que representa o último estágio na reorganização da informação sensorial: não temos acesso às etapas de construção de nossas representações e nosso acesso aos estímulos provenientes do mundo externo só se dá de forma muito indireta, através de uma série de mediações.

Porém, a citação acima aparentemente não nos remete a Franz Brentano. Ao menos não diretamente. Em nota de rodapé, Freud creditou seu apelo filosófico à obra de John Stuart Mill. Já sublinhamos o fato de que a influência de Stuart Mill acabou por apontar – mesmo que indiretamente – na direção de Brentano. Mais especificamente, tal influência diz respeito à ideia freudiana de que “(...) no leque das impressões sensoriais obtidas por um objeto [incluímos] também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa” (Freud, 1891, p. 47). A compreensão destas palavras à luz da contribuição de Stuart Mill exige a consideração de dois aspectos: a concepção de química mental (oposta à de mecânica mental) e a visão que o pensador inglês tinha acerca da matéria.

Diversamente de seu pai, James Mill – que via na associação uma combinação simples de elementos que se mantinham inalterados no conjunto por eles formado –, Stuart Mill (1917) propôs a ideia de ‘química mental’ por oposição à ‘mecânica mental’ de James Mill. O conjunto associativo formado por elementos associados entre si não seria simplesmente a soma destes elementos, mas um conjunto cujas propriedades seriam irredutíveis às dos elementos, de tal modo que as ideias simples gerariam (mais do que comporiam) as ideias complexas. O recurso de Stuart Mill (1917) à química em detrimento da mecânica é interessante porque permite uma geração ilimitada de novos conjuntos com novas propriedades, mantendo-se as propriedades dos elementos simples.

No que se refere à noção de matéria de Stuart Mill (1917) e sua presença no texto freudiano, pode-se destacar que o pensador inglês atribuía à mente humana

capacidade de expectativa, considerando que, após as sensações reais, é possível formar a ideia de sensações possíveis. Tal habilidade da mente humana permitiria, portanto, que partindo de uma única experiência inferíssemos todo um leque de sensações análogas. É que, para Stuart Mill, as sensações atuais teriam importância menor que as possibilidades de sensações: se as primeiras são passageiras, as segundas poderiam ser permanentes e, assim, permitir-nos-iam distingui-las da matéria. Mais precisamente, o que Stuart Mill (1917) chamava de matéria eram exatamente essas possibilidades permanentes de sensações que, uma vez garantidas pela experiência passada, revelariam o aspecto importante de não se apresentarem como sensações isoladas, mas como grupos de sensações tal como os objetos do mundo exterior (Garcia-Roza, 1990). É justamente com base na concepção material de Stuart Mill que Freud fez sua afirmação referente à “(...) possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa” (Freud, 1891, p. 47).

Devemos, então, perguntar: não seria despropositado atribuir a influência filosófica presente no texto freudiano de 1891 a Franz Brentano (sequer mencionado no texto) quando o próprio autor da obra cita outro filósofo? Seria o apelo à contribuição indireta suficiente? Ana-Maria Rizzuto (1993), por exemplo, em artigo no qual trata da formação da representação-objeto ignora completamente o nome de Brentano, apelando à contribuição mais explícita a Stuart Mill, esbarrando ainda em Kant. A autora aponta dois problemas: 1) como a psique seria capaz de organizar a multiplicidade de dados associativos em um complexo representação-objeto? e 2) como poderíamos acreditar que a representação percebida é uma descrição acurada do objeto real no mundo? Quanto ao primeiro problema, Rizzuto (1993) afirma ser possível inferir do texto que Freud assume a existência de uma função sintética capaz de coletar as informações pertinentes contidas no complexo. Isto permitiria, portanto, uma articulação plausível entre o aspecto aberto da representação e a manutenção de sua identidade – enquanto processo – ao longo da vida do indivíduo. Já no que diz respeito ao segundo problema, a autora é taxativa: “Freud não lidou de maneira alguma com a segunda questão, e não fornece qualquer indicação de como sabemos que aquilo que representamos é real e não ficcional” (Rizzuto, 1993, p. 119).

Porém, uma observação para a qual a autora não chama a atenção é a tentadora relação cabível entre ambos os problemas indicados: a pertinência das informações contidas no complexo não apontaria precisamente para o aspecto real ou ficcional daquilo

que nele se encontra representado? Infelizmente, contudo, de fato Freud não trata do assunto no texto de 1891. Mas, tanto Mauricio Beuchot (1998) quanto Aviva Cohen (2002) remetem-nos à Negativa (Freud, 1925) com o intuito de demonstrar como a noção do teste de realidade freudiano aproxima-se da teoria do julgamento de Brentano (1874) e de sua tese acerca da intencionalidade de um modo geral.

A outra espécie de decisão tomada pela função do julgamento – quanto à existência real de algo de que existe uma representação (teste de realidade) – é um interesse do ego-realidade definitivo, que se desenvolve a partir do ego-prazer inicial. Agora não se trata mais de uma questão de saber se aquilo que foi percebido (uma coisa) será ou não integrado ao ego, mas uma questão de saber se algo que está no ego como representação pode ser redescoberto também na percepção (realidade). Trata-se, como vemos, mais uma vez de uma questão de externo e interno. O que é irreal, meramente uma representação e subjetivo, é apenas interno; o que é real está também lá fora (Freud, 1925, p. 237).

O apelo à publicação de 1925 seria despropositado caso os primeiros contornos referentes à questão não fossem encontrados já em um texto produzido três décadas antes: o Projeto para uma psicologia científica. Em trecho final da seção 11 do Projeto, onde Freud trata da experiência da satisfação, o autor afirma não ter dúvida “(...) de que na primeira instância esta ativação do desejo produz algo idêntico a uma percepção – a saber, uma alucinação” (Freud, 1895, p. 337). Mais adiante, na seção 15, Freud discorre sobre os riscos de um ego desprovido de meios de defesa, explicitando a necessidade de distinção entre uma percepção e a lembrança de um objeto que não seja real, na medida em que se encontra presente “(...) apenas como ideia imaginária” (Freud, 1895, p. 342).

Ora, Brentano (1874) falava sobre *realia* e *irrealia* (*Realitäten* e *Nichtrealitäten*), sobre o que existe e o que não existe, e fazia referência a algo diferente em cada caso. Para Brentano (1874), uma *realia* seria uma coisa individual particular, enquanto uma *irrealia* seria uma não coisa, como por exemplo, um universal, uma espécie, um gênero, um estado de coisas ou valores. Brentano (1874) sustentava que algo poderia ser uma *Realität* – uma coisa, algo individual – ainda que não existisse: um unicórnio ou um hipogrifo, por exemplo, seriam coisas individuais particulares, portanto *realia* (McAlister, 1976). Se retomarmos um breve trecho da citação do A psicologia do ponto de vista empírico, veremos Brentano (1874) afirmar

que “(...) a direção até um objeto – que não deve ser compreendido aqui enquanto coisa real” (p. 68). Pois é precisamente esta a base para a aproximação entre Freud e Brentano no que diz respeito à noção de representação.

Ao defender o mestre de Viena enquanto patrocinador filosófico da representação freudiana, Garcia-Roza (1990) insiste em dois pontos principais: o primeiro é a impossibilidade de um ato de representação ocorrer na ausência de objeto representado e o segundo é o fato de o objeto representado não necessariamente existir enquanto coisa real. O segundo ponto permite concluir que o sentido de uma representação não decorre da coisa, mas da relação entre as representações. Por exemplo, a decisão pela tradução de *Objektvörstellung* como representação-objeto ao invés de representação de objeto já denota a ideia subjacente de que não se trata de uma mera reprodução do objeto externo, não sendo, portanto, o sentido de uma representação derivado deste, mas sim da relação que as várias representações mantêm entre si. Garcia-Roza (1990) faz questão de assinalar, em seguida, que Brentano foi de fato fiel a Aristóteles e que, portanto, o fato de o sentido de uma representação não decorrer da coisa “(...) não implica a aceitação da tese idealista que nega a existência do objeto externo à consciência” (p. 57).

Já discorreremos sobre a não-correspondência mecânica, serial, entre fisiológico e psicológico, presente nas ideias de ambos. Quando unimos a isto a noção de que um objeto não deve ser compreendido como a coisa e considerando ainda a doutrina da intencionalidade e sua base representacional, podemos facilmente concluir que tanto Freud quanto Brentano negavam-se a entender a percepção humana como um processo essencialmente passivo. A fidelidade de Brentano para com Aristóteles é facilmente identificável no trecho de uma carta composta já no final de sua vida, na qual o filósofo relembra que, para Aristóteles, “(...) a percepção sensorial da forma do objeto é recebida pelos sentidos na ausência da matéria, e da mesma forma o intelecto recebe a forma inteligível em abstração da matéria. Não é esta linha de raciocínio precisamente a mesma que a nossa?” (Brentano, 1930 p. 68).

Smith (2005) esclarece que os conceitos aristotélicos de *morphe* e *hyle* ressurgiram na Europa medieval na forma de seus correspondentes latinos *forma* e *matéria*, respectivamente. A partir do século XVII a *matéria* escolástica transformou-se na *matéria* da física newtoniana, embora seu sentido exato tenha permanecido obscuro. Segundo Smith (2005), a forma de uma entidade seria precisamente o seu aspecto

cognoscível: aquilo que sabemos e podemos saber acerca da coisa, sua quiddidade ou essência. Assim, a coisa apresentar-se-ia inteligível em virtude de sua forma, porém existente por conta da matéria. Ou seja, uma entidade existente não coincide apenas com a sua quiddidade, pois possui também um aspecto material, o qual permanece ininteligível (Smith, 2005).

Ora, podemos agora reunir as peças do quebra-cabeça e concluir: em última análise, uma representação da coisa individual de fato não é possível – não em função da tese idealista, que é rejeitada por Brentano (1874), ou mesmo devendo-se exclusivamente a uma limitação da nossa percepção. A impossibilidade decorre da modalidade de existência do próprio objeto. Considerado estritamente do ponto de vista material, ele é ininteligível e, portanto, não passível de representação alguma. Eis a via para uma concepção representativa que não toma por base uma reprodução interna (psíquica) da coisa em sua totalidade enquanto tal (binômio forma-matéria) sem que, com isto, tenhamos de negar o acesso ao mundo externo. Dito em outras palavras, é o caminho que nos permite rejeitar uma cosmovisão mecânica sem que incorramos na sua correspondente “psicótica”.

## CONCLUSÃO

A interlocução possível entre Freud e Brentano não se restringe ao conceito de representação. Barclay (1964), por exemplo, apontou a noção freudiana de investimento (*Besetzung*) como via régia para a intencionalidade de um modo geral. Com isto, o autor aponta para a interlocução entre toda a obra freudiana e uma tradição que, por sua vez, remonta à origem do pensamento filosófico ocidental. Aviva Cohen (2000 e 2002) ergueu pontes entre o inconsciente freudiano e a filosofia de Brentano e seguiu ainda mais longe, apontando modificações ocorridas na técnica psicanalítica decorrentes da revisão – cuja base remontaria a Brentano – promovida por Freud no que diz respeito ao status ontológico do objeto (Cohen, 2002). Já Madioni (2008) arriscou aprofundar a noção freudiana de direcionalidade a partir da articulação entre intencionalidade, inconsciente, pulsão, afeto e corpo, destacando a influência de Brentano sobre a teoria da relação de objeto.

Trata-se, portanto, de um tópico verdadeiramente fascinante. Seja pela relativa novidade que ainda se preserva, pela tendência natural à originalidade em função da escassez bibliográfica ou ainda pelo “retorno aos dias subestimados”, a interlocução Freud-Brentano é de fato instigadora. O cuidado exigido é enorme, sobretudo quando fixamos o olhar no resgate

operado pelo filósofo. Ainda que, despretensiosamente, o presente artigo aponte em suas entrelinhas para a cautela e seriedade necessárias na promoção deste diálogo, a consulta aos comentadores de Brentano e as divergências encontradas no decorrer da pesquisa ilustram o risco de erro em conclusões precipitadas. O solo é fértil e a colheita, promissora.

## REFERÊNCIAS

- Barclay, J.R. (1964). Franz Brentano and Sigmund Freud. *Journal of Existentialism*, (5), 1-36.
- Beuchot, M. (1998). Aristóteles y la escolástica en Freud a través de Brentano. *Espíritu*, 47(118), 161-168.
- Brentano, F. (1930). *Wahrheit und Evidenz*. Alfred Kastil (Ed.). Leipzig: Felix Meiner Verlag.
- Brentano, F. (1995). *Psychology from an empirical standpoint*. London: Routledge.
- Cohen, A. (2000). The origins of Freud's theory of the unconscious: a philosophical link. *Psychoanalytische Perspektiven*, (41-42).
- Cohen, A. (2002). *Franz Brentano: Freud's philosophical mentor. The pre-psychoanalytic writings of Sigmund Freud*. Londres: Karnac Books.
- Dorer, M. (1932). *Historischen Grundlagen der Psychoanalyse*. Leipzig, F. Meine.
- Ferrater Mora, J. (2000). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola.
- Freud, S. (1871-1881). *Cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein 1871-1881*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- Freud, S. (1891). *A Interpretação das Afasias*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- Freud, S. (1895). *Projeto para uma psicologia científica*. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Freud, S. (1925). A Negativa. *Edição Standard das Obras Brasileiras de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- Garcia-Roza, L.A. (1990). *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Garcia-Roza, L.A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Geerrardyn, F. & Vivjer, G. (2002). *The pre-psychoanalytic writings of Sigmund Freud*. Londres: Karnac Books.
- Gelfand, T. & Kerr, J. (1992). *Freud and the history of psychoanalysis*. Londres: Routledge.
- Kaltenbeck, F. (2002). *On Freud's Encounter with Brentano. The pre-psychoanalytic writings of Sigmund Freud*. Londres: Karnac Books.
- Jones, E. (1975). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Lalande, A. (1993). *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins fontes.
- Lindenfeld, D.F. (1980). *The transformation of positivism: Alexius Meinong and European thought, 1880-1920*. Berkeley: University of California Press.
- McAlister, L. (1976). *The philosophy of Brentano*. London: Duckworth.
- McAlister, L. (2004). *Brentano's epistemology. The Cambridge companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Merlan, P. (1945). Brentano and Freud. *Journal of the History of Ideas*, 6(3), 375-377. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Merlan, P. (1949). Brentano and Freud – a sequel. *Journal of the History of Ideas*, 10, 451. Philadelphia: University of Pennsylvania Press
- Madioni, F. (2008). *La psychanalyse interroge la phénoménologie*. Paris: L'Harmattan.
- Molnar, M. (2002). *John Stuart Mill translated by Sigmund Freud*. The pre-psychoanalytic writings of Sigmund Freud. Londres: Karnac Books.
- Rizzuto, A.M. (1993). Freud's speech apparatus and spontaneous speech. *The International Journal of Psychoanalysis*, 74, 113-127.
- Smith, W. (2005). *The quantum enigma: finding the hidden key*. Nova Iorque: Sophia Perennis.
- Stuart Mill, J. (1917). *Sistema de lógica inductiva y deductiva*. Madrid: Jorro.
- Sulloway, F. (1992). *Freud, biologist of the mind: beyond the psychoanalytic legend*. Cambridge: Harvard University Press.

Recebido em: 12.11.2011. Aceito em: 21.10.2012.

**Autores:**

Thiago Marcellus de S. Cataldo-Maria – Psicólogo; Professor Departamento de Psicologia/PUC-Rio.

Monah Winograd – Psicanalista; Professora Programa de Pós-Graduação e Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia/PUC-Rio.

**Enviar correspondência para:**

Thiago Marcellus de S. Cataldo-Maria  
Departamento de Psicologia – PUC-Rio  
Rua Marquês de São Vicente 225, sl. 201 – Ed. Cardeal Leme – Gávea  
CEP 22453-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
E-mail: thiago.marcellus.11@gmail.com